

TENSÕES VIVENCIADAS PELO EU LÍRICO EM “ODE A UM ROUXINOL”, DE JOHN KEATS

Altamir Botoso¹

RESUMO: O poeta John Keats (1795-1821) é um dos autores mais renomados da literatura romântica inglesa e seu poema “Ode a um rouxinol” é uma das composições poéticas mais elogiadas e apreciadas por leitores, teóricos e críticos literários. Nesse sentido, nosso objetivo é analisar a ode mencionada, ressaltando alguns dos elementos que revelam tensões no mundo observado pelo eu lírico tais como o prazer e o sofrimento, o desejo de permanecer/imortalizar-se e a busca de evasão, o eterno e o efêmero, desvelando sentimentos contraditórios do poeta e a sua inadaptação à realidade que o circunda. Como suporte para a análise proposta, valer-nos-emos dos estudos de Bonnici (2004), Borges (1999), Cevasco; Siqueira (1993), Fenske (2016), Khan; Zahara; Hafsa (2014), Borges (2011), Magalhães (2013), Mancelos (2008), Silva (2005), Sousa (1980), Ramos (2010), Cortázar (2004), dentre outros. Portanto, verifica-se que o eulírico é atormentado por dúvidas e indagações que impossibilitam a sua felicidade, dividido entre sonho e realidade, aparência e essência, conformando um estado de tensão permanente.

Palavras-chave: Eulírico. Ode a um rouxinol. Tensões.

TENSIONS EXPERIENCED BY THE POETIC PERSONA IN “ODE TO A NIGHTINGALE”, BY JOHN KEATS

ABSTRACT: The poet John Keats (1795-1821) is one of the most renowned authors of English Romantic literature and his poem “Ode to a Nightingale” is one of the poetic compositions most praised and appreciated by readers, theoreticians and literary critics. In this sense, our objective is to analyze the mentioned ode, highlighting some of the elements that reveal tensions in the world observed by the poetic persona such as pleasure and suffering, the desire to remain / immortalize and the search for evasion, the eternal and the ephemeral, revealing the poet’s contradictory feelings and his non-adaptation to the reality that surrounds him. As support for the proposed analysis, we will use the studies by Bonnici (2004), Borges (1999), Cevasco; Siqueira (1993), Fenske (2016), Khan; Zahara; Hafsa (2014), Borges (2011), Magalhães (2013), Mancelos (2008), Silva (2005), Sousa (1980), Ramos (2010), Cortázar (2004), among others. Therefore, we can verify that the poetic persona is tormented by doubts and inquiries that prevent his happiness, divided between dream and reality, appearance and essence, shaping a state of permanent tension.

Keywords: Poetic persona. Ode to a Nightingale. Tensions.

¹ Doutor em Letras, área de Teoria Literária e Literatura Comparada pela Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho, UNESP, campus de Assis-SP e professor do curso de Letras/Espanhol e do Mestrado em Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, UEMS, campus de Campo Grande-MS. E-mail: abotoso@uol.com.br Orcid: <http://orcid.org/0000-0003-3231-2351>

Introdução

Quando os críticos literários fazem referências ao Romantismo inglês, geralmente, há um poeta, John Keats (1795-1821), que sempre é mencionado e também uma de suas composições destaca-se no conjunto de suas produções, a “Ode a um rouxinol”, que não só o imortalizou, como também tornou célebre o rouxinol que “enquanto pássaro participa da imortalidade do mundo; como símbolo, transcende-o” (RAMOS, 2010, p. 33).

A respeito de Keats e da ode mencionada, o escritor argentino Julio Cortázar (2004, p. 347) tece as seguintes observações:

John ouvia o rouxinol nos anoiçeceres de Hampstead, e sua ode nascerá do entressonho como um abraço ao circundante, a um mundo que o canto da ave sensibiliza, torna-se harmonia total. A mais variada de todas, aberta sinfonicamente ao âmbito que John busca apreender, esta ode é o resumo da juventude ansiosa e feliz do poeta, triunfo da “desvelada angústia” antes do outono que se aproxima.²

No poema do escritor inglês, ocorre um “encontro dos contrários” (CORTÁZAR, 2004, p. 348)³ no qual se evidencia uma busca pelo equilíbrio por parte do eu lírico entre polos antagônicos: prazer x sofrimento, vida x morte, eterno x efêmero, perene x passageiro.

Levando em conta o que foi exposto, nosso objetivo é analisar a “Ode a um rouxinol” ressaltando os dilemas do eu lírico que terminam por conduzi-lo à infelicidade e à insatisfação, uma vez que se encontra imerso em dicotomias que jamais se harmonizam ou se equilibram.

A seguir, tendo em vista o fato de Keats fazer parte do movimento denominado de Romantismo, tecemos algumas considerações sobre tal período e assinalamos seus pontos mais relevantes.

Entre o transitório e o eterno: veleidades do Romantismo

² Todas as traduções realizadas neste artigo foram efetuadas pelo seu autor.

“John oía al ruiseñor en los anohecerceres de Hampstead, y su oda nacerá del entresueño como un abrazo a lo circundante, a un mundo que el canto del ave sensibiliza, vuelve acorde total. La más varia de todas, abierta sinfónicamente al ámbito que John busca aprehender, esta oda es resumen de la juventud ansiosa y feliz del poeta, triunfo de la “desvelada angustia” antes del cercano otoño” (CORTÁZAR, 2004, p. 347).

³ “encuentro de los contrarios” (CORTÁZAR, 2004, p. 348).

A estudiosa Maria Leonor Machado de Sousa (1980, p. 17-18), no seu ensaio intitulado “Romantismo inglês: uma interpretação”, distingue duas gerações nesse período:

[...] a primeira, à qual pertencem essencialmente os chamados “Lake Poets”, que passaram grande parte de sua vida na Região dos Lagos, ao norte da Inglaterra, e a segunda que se reuniu em Itália e deu ao Romantismo uma orientação mais erudita, mais estética, numa tendência de revalorização da beleza da arte clássica.

Pertencem à primeira essencialmente Wordsworth, Coleridge e Southey, e à segunda Shelley, Keats e Byron. Todos eles muito individualistas, há traços característicos nas suas obras que as tornam bem diferentes umas das outras, sem que deixe de se revelar, contudo, um substrato comum feito de [...] tentativas de renovação [...].

As duas vertentes ou gerações apontadas por Sousa apresentam ainda as seguintes peculiaridades:

[...] O delírio dos poetas tumulares, embriagados em descrições de cadáveres em decomposição e de sentimentos mirabolantes ainda enredados numa linguagem muito estudada deu lugar a uma meditação igualmente lúgubre, por vezes, mas que pretendia tocar as cordas da sensibilidade e não do terror excessivo. A própria preocupação de ser fiel à Natureza e aos homens simples levou os poetas da linha de Wordsworth a acalmarem substancialmente os seus rasgos de inspiração.

Aspectos como o extremo sentimentalismo, busca da perfeição estética, uso de imagens vibrantes, apelos sensuais, referências à morte e à intensidade da vida⁴ possibilitaram que estudiosos do campo literário classificassem Keats como pertencente à segunda geração romântica, junto a nomes como Byron, Shelley, dentre outros:

Quanto à segunda geração, temos uma problemática muito diferente. Mais intelectuais, os seus poetas representativos foram mais universais. [...]

⁴ “Uma das principais posturas românticas com frequência reconhecida em John Keats é o pathos hamletiano, o sentimentalismo, a tematização do entorpecimento e, em nada descolado destes, a reflexão sobre os próprios limites linguísticos da representação. Exponente destacado da segunda geração do romantismo inglês, tardou para que seus dotes poéticos fossem reconhecidos – não tendo atingido qualquer celebridade em vida. De acordo com Ronald Carter e John McRae (2001), um dos temas principais na obra de Keats é o conflito entre o mundo cotidiano e a eternidade. O primeiro, em sua particularidade, é apresentado sob os aspectos do sofrimento, da morte e da decadência, contraposto em uma visão carregada de pathos à permanência associada à poesia. Sua poesia ocorreria então na forma de uma dialética entre o passageiro e o eterno, em que a intermediação da linguagem desempenha papel central. Ao explorar a relação entre a emoção e a realidade em cenários da antiguidade e da idade média, Keats, ainda segundo esses autores, conduz sua poesia a um exame de problemas da inconsciência e da irracionalidade. [...]” (PEREIRA, 2020, p. 436).

poderíamos definir, quanto aos seus temas e centros de interesse, a primeira geração como insular e a segunda como cosmopolita.

[...] há algo mais que caracteriza esta segunda geração, que representa de novo um desequilíbrio, em relação à primeira, e que é de fato responsável pela noção popular de poeta romântico que chegou aos nossos tempos. Todos foram extremamente liberais – e já não por causa da Revolução Francesa, mas antes pelas novas ideias que a situação social criada pela Revolução Industrial começava a suscitar na própria Inglaterra. (SOUSA, 1980, p. 19-20).

Frisamos que essa divisão em gerações é arbitrária, mas ela é necessária para objetivos pedagógicos e permite assinalar diferenças importantes entre os poetas românticos ingleses, cuja primeira geração, de acordo com Sousa, centrou seu interesse na vida campestre (insulares) e a segunda, cujo foco seriam os grandes centros, as cidades (cosmopolitas).⁵

Além disso, outros pontos-chaves da literatura romântica seriam a redescoberta das belezas da natureza, a ênfase na emoção em detrimento da razão, o resgate do passado, o poema lírico escrito na primeira pessoa, a solidão e o individualismo do herói romântico, elementos naturais e paisagens adquirem um aspecto divino ou se tornam metáforas para sentimentos humanos, valorização do homem comum, sua linguagem e estilo de vida, presença de elementos folclóricos ou lendários, atmosfera de mistério, exotismo e estranheza, dentre outros (SILVA, 2005, p. 199-201).

Ao buscar o fim da razão e do artificialismo neoclássico, segundo Cevalco e Siqueira (1993, p. 47), “os jovens poetas não se submetem a regras e propõem uma poesia sem convenções rígidas, apta a dar livre expressão aos sentimentos, em uma linguagem simples e direta, o mais próxima possível da do homem comum”. De certa forma, a poesia de Keats mantém consonâncias com esses elementos apontados e, além disso, ela caracteriza-se pelo sentimentalismo romântico, por imagens vibrantes de grande apelo sensual e, pela influência de escritores clássicos, como Homero e, em síntese, “o sentimento ocupa o trono e a razão apenas exerce o papel de prudente conselheira” (PEREIRA, 2020, p. 437) em suas produções poéticas.

Sinteticamente, é possível considerar que o poeta romântico “será sempre um individualista, sem perder a visão do social. Se este por vezes o desencanta, ele buscará

⁵ De acordo com Thomas Bonnici (2004, p. 1), o que permite agrupar determinados poetas, como é o caso de Keats, na segunda geração é a recorrência temática a sonhos, ilusões dramáticas, sensibilidade romântica, criatividade, infância, amor não correspondido, heróis exilados, natureza, liberdade e moderação humana.

refúgio num mundo particular, no qual se misturam o imaginário, o sobrenatural e o exótico” (CEVASCO, SIQUEIRA, 1993, p. 47).

A respeito de um dos poetas catalogados por Sousa (1980, p. 20) e Bonnici (2004, p. 1) na segunda geração romântica, John Keats (1795-1821), autor de “To some ladies” (1815), “Adressed to Haydon” (1816), *Endymion* (1817), “When I have fears” (1818), “Bright star” (1819), “Ode to a grecian urn” (1819), “To Autumn” (1819), dentre vários outros, vale salientar que foi um grande admirador

dos poetas elisabetanos [...], [ele] deixou sua marca na poesia pelo uso das imagens, que em suas mãos se tornaram uma poderosa expressão artística. Por meio delas, [...] conseguia ressonância e ritmo, misturava sentidos explícitos e figurados, fundia visão, audição, paladar, olfato, tato e emoção. Ele tinha uma imaginação capaz de produzir diferentes imagens ao mesmo tempo. Além de sonetos famosos [...], a obra de Keats foi composta principalmente por poemas curtos e odes. (SILVA, 2005, p. 217).

Complementando essa informação, é válido acrescentar que o referido poeta, “com uma obra essencialmente lírica, marcada pelo sentimentalismo romântico, por imagens vibrantes, de grande apelo sensual, e pela expressão de aspectos da filosofia clássica, compôs alguns dos poemas” (FENSKE, 2016) que são considerados por estudiosos e críticos (Borges, Cortázar, Ramos, Sousa) como os melhores e mais perfeitos da língua inglesa.

O canto de um pássaro e os conflitos do eu lírico que o imortalizou

Após a exposição de alguns dados relevantes a respeito do Romantismo inglês e sobre o escritor John Keats, passamos a analisar seu poema “Ode a um rouxinol” (1819), que transcrevemos a seguir.

ODE A UM ROUXINOL

I

Dói-me o coração, e aflige meus sentidos
 Um torpor de sono, como se eu tivesse
 Bebido da cicuta ou esgotado há um só instante
 Um lânguido narcótico e descido para o Lete:
 Não é porque eu inveje a tua boa sorte,
 Porém porque me alegro a ver-te assim feliz
 Que tu, arbórea Driade das asas leves,

Em nesga melodiosa
De um verdor de faias e de sombras incontáveis
A plena e fácil voz celebra o verão.

II

Oh! Um trago de vinho! Que se tenha refrescado
Longa idade no seio da profunda terra
Que saiba a Flora e a campos verdejantes,
A dança, a canto provençal e a júbilo queimado pelo sol!
Oh! Uma copa que transborde o quente Sul,
Cheia da verdadeira, da Hipocrene rubra,
Tendo a piscar nas bordas bolhas como pérolas
E uma boca de púrpura tingida!
Que eu pudesse bebê-la e sem ser visto abandonasse o mundo,
E contigo esvaecesse na floresta escura!

III

Esvair-me bem longe, dissolver-me e em tudo me olvidar
Daquilo que entre as folhas tu jamais sentiste,
A fadiga, a febre e a inquietação,
Aqui, onde os homens sentam para ouvir gemidos uns dos outros,
Onde a paralisia faz tremer uns poucos, tristes, últimos cabelos cinza,
E a juventude empalidece e morre espectralmente macilenta;
Onde apenas pensar é encher-se de tristeza
E de desesperanças de olhos plúmbeos;
Onde à beleza não é dado conservar olhos brilhantes,
Nem, além do amanhã, a um novo amor languir por eles.

IV

Ao longe, ao longe! Para ti quero voar,
Não no carro de Baco e seus leopardos,
Porém nas asas invisíveis da Poesia,
Embora o cérebro, pesado, hesite e me retarde.
Já estou contigo! Meiga é a noite,
E talvez em seu trono esteja a Lua, essa Rainha,
Tendo a enxamear-lhe em torno as suas Fadas estelares.
Mas aqui não há luz,
Senão aquela que dos céus com as brisas é soprada
Por entre sombras verdejantes e caminhos tortos e musgosos.

V

Não posso ver que flores a meus pés se encontram,
Nem que perfume suave paira sobre os ramos,
Mas adivinho, em treva embalsamada, todos os aromas
Com que o mês favorável dota a relva,
A moita e as árvores frutíferas do mato;
O branco pilriteiro e a rosa brava pastoril;
A violeta que logo murcha oculta sob as folhas;
E de meados de maio a primogênita,
A rosa almiscarada que reponta cheio de orvalhado vinho,
Pouso de moscas murmurante pelas noites estivais.

VI

Às escuras escuto; e muitas vezes,
 Quase que enamorado da tranquila Morte,
 Doces nomes chamei-lhe em versos meditados
 Para que dissipasse no ar o meu alento;
 Agora como nunca eu acho que morrer é uma riqueza:
 Findar à meia-noite sem nenhuma dor,
 Enquanto em torno a ti vais derramando tua alma
 Com todo esse arrebatamento!
 Cantarias ainda; e em vão teria ouvidos eu,
 Para teu alto réquiem transformado em terra e grama.

VII

Tu não nasceste para a morte, Pássaro imortal!
 Não pisam sobre ti as gerações famintas.
 A voz que ouço esta noite fugitiva foi ouvida
 Em velhos dias por Imperador e por campônio;
 Talvez o mesmo canto que encontrou caminho
 No triste coração de Rute, quando, ansiando pelo lar,
 Ela ficou chorando em meio ao trigo do estrangeiro;
 O mesmo que encantou, vezes e vezes,
 Janelas mágicas abertas sobre a espuma
 De mares perigosos, num país de fadas já perdido!

VIII

Perdido! Essa palavra é como um sino
 Que dobra para que de ti eu volte à minha solidão!
 Adeus! A fantasia não nos pode iludir tanto
 Como se diz, fada enganosa.
 Adeus! Adeus! Tua plangente antífona se esvai
 Além dos prados em redor, por sobre o riacho quieto,
 Subindo a encosta da colina; e agora entrou a fundo
 Nas clareiras do vale próximo;
 Foi isso uma visão, ou um sonho que sonhei desperto?
 A música fugiu: – Estou desperto ou estarei dormindo? (KEATS, 2010, p. 55-63)

O poema estrutura-se em oito estrofes com dez versos cada uma e as rimas seguem o padrão ABABCDECDE. Esse padrão regular do metro em todo o poema e o seu esquema regular de rimas podem sugerir “[...] a espontaneidade e a livre expressão da canção do rouxinol e a expressão espontânea dos sentimentos do poeta. Também dá um efeito estrutural equilibrado ao poema como uma obra de arte perfeita” (KHAN, ZEHRA, HAFSA, 2014, p.

1111, tradução nossa).⁶ É plausível entender que o canto da ave é repetitivo, reiterado sempre, e a estruturação do poema capta e reflete isso de modo bastante singular.

De acordo com o próprio título, essa composição poética é classificada como uma ode, e “[n]o nível estrutural esta ode apresenta a combinação do hino lírico e da ode que aumenta o efeito emotivo do poema” (KHAN, ZEHRA, HAFSA, 2014, p. 1110, tradução nossa).⁷ Dessa maneira, ela “apresenta uma combinação única de elementos do soneto petrarquiano e shakespeariano” (KHAN, ZEHRA, HAFSA, 2014, p. 1110, tradução nossa),⁸ configurando maior expressividade aos seus versos.

O crítico Massaud Moisés (2004, p. 327-328) tece uma série de ponderações a respeito dessa modalidade poética, que julgamos pertinente transcrever abaixo:

De remota origem grega, inicialmente consistia num poema destinado ao canto. Sinônimo, pois, de canção, reduzia-se a um cantar monódico [executado por uma única voz], interpretado pelo próprio autor, ao som da lira, ou de semelhante instrumento de corda [...].

Nessa altura (séc. VI a.C.), constitui uma forma poética que incorpora versos de metros variados, de acordo com os efeitos musicais e emocionais pretendidos, dispostos em quartetos. [...]

Com o desenvolvimento do lirismo coral [...], a ode ganha maior desembaraço formal e apodera-se de temas novos, relacionados com a vida heróica: exaltam-se os vencedores na guerra e nos jogos olímpicos, e os povos e cidades cuja magnitude se reflete na glória dos heróis. O lirismo monódico cede vez a um lirismo de expressão coletiva, que glosa idéias épicas, oratórias e dramáticas. Em lugar da lira, tange-se a flauta, mais adequada às execuções vocais em grupo.

[...]

A ode assume algumas particularidades específicas durante o período romântico, conforme pontua Moisés (2004, p. 329):

Com o Romantismo, a ode perdeu alguma coisa do seu fascínio, mas continuou a ser cultivada, sob formas e matizes novos, de cunho subjetivista, emprestado pela estética vigente: Lamartine, Victor Hugo, Musset, Shelley, Keats, Théodore de Banville são alguns dos poetas dignos de menção. E até os nossos dias, sofrendo progressiva metamorfose no enalço da completa liberação formal (com verso e estrofação livres, somente pelo tema e pelo

⁶ “[...] the spontaneity and the free expression of the song of nightingale, and the spontaneous expression of the feelings of the poet. It also gives balanced structural effect to the poem as perfect piece of art” (KHAN, ZEHRA, HAFSA, 2014, p. 1111).

⁷ “[o]n the structural level this ode presents the combination of lyric and odal hymn which increases the emotive effect of the poem” (KHAN, ZEHRA, HAFSA, 2014, p. 1110).

⁸ “presents a unique combination of elements from Petrarchan sonnet and Shakespearean sonnet” (KHAN, ZEHRA, HAFSA, 2014, p. 1111).

tomus elevado se percebe que se trata de ode) e certo abrandamento da eloquência originária, a ode tem permanecido viva na pena de alguns poetas, dentre os quais ressaltam: Verlaine, Paul Valéry, Paul Claudel, T. S. Eliot, Fernando Pessoa. Note-se, porém, “que hoje os seus limites, por assim dizer, flutuam, por os poetas saberem o que é, no fundo, uma ode, não reconhecendo, ao mesmo tempo, autoridades e modelos” (KAYSER, 1958, I: 254).

O modelo de composição lírica escolhido por Keats comprova o diálogo que os poetas estabelecem com a tradição, recuperando fórmulas do passado e trazendo-as para a contemporaneidade, com acréscimos, eliminações e inovações e, ao se utilizarem de tais composições, eles promovem um dinamismo e uma variedade ímpar de formas poéticas que sempre colocam em primeiro plano a subjetividade do eu lírico.

A propósito da “Ode a um rouxinol”, o poeta e ensaísta argentino Jorge Luis Borges (1999, p. 103) teceu o seguinte comentário:

Aqueles que frequentaram a poesia lírica da Inglaterra não esquecerão a *Ode a um rouxinol*, que John Keats, tísico, pobre e talvez desafortunado no amor, compôs em um jardim em Hampstead, à idade de vinte e três anos, em uma das noites do mês de abril de 1819. Keats, no jardim suburbano, ouviu o eterno rouxinol de Ovídio e de Shakespeare, e sentiu sua própria mortalidade, e contrastou-a com a tênue voz imorredoura do invisível pássaro. Keats escreveu que o poeta deve dar poesias naturalmente, como a árvore dá folhas, duas ou três horas bastaram-lhe para compor essa página de inesgotável e insaciável beleza, que ele poliria muito pouco; [...].

Borges busca evidenciar a gênese do poema e exalta a sua qualidade e a juventude do seu autor. O assunto de “Ode a um rouxinol” centra-se no fato de o poeta ouvir o canto de um rouxinol e sentir o desejo de voar para longe com ele, mas é impedido por limitações físicas e se consola com a ideia de que o rouxinol é imortal. Quando o pássaro vai embora, o poeta interroga-se a respeito da experiência que ele vivenciou: se ela foi real ou um sonho.

Já na primeira estrofe, aparece a figura do eu lírico que manifesta seus sentimentos em primeira pessoa:

Dói-me o coração, e aflige meus sentidos
Um torpor de sono, como se *eu* tivesse
Bebido da cicuta ou esgotado há um só instante (KEATS, 2010, p. 55, grifos nossos).

Os pronomes utilizados dão conta de que se trata de um texto lírico que reflete as emoções de seu emissor, e essa é uma das principais características dos escritos da era romântica. Esse fato pode ser comprovado tanto em textos líricos quanto ficcionais.

Percebe-se ainda, um pouco mais adiante no poema, a presença de elementos da mitologia, com a menção ao Lete, o rio do esquecimento, que atravessa o Hades (reino dos mortos) e a Dríade, que é uma ninfa que habitava os bosques (BULFINCH, 2013). Se de um lado há dor, sofrimento e até a possibilidade da morte, com as menções ao Lete e ao Hades, por outro, a ninfa revela uma suavidade, uma busca de harmonia, desvelando uma antítese, que contradiz o sentimento inicial do eu lírico e aponta para coisas positivas que “explodem em apelos sensoriais na segunda estrofe” (BORGES, 2011, p. 8):

Oh! Um trago de vinho! Que se tenha refrescado
 Longa idade no seio da profunda terra
 Que saiba a Flora e a campos verdejantes,
 A dança, a canto provençal e a júbilo queimado pelo sol!
 Oh! Uma copa que transborde o quente Sul,
 Cheia da verdadeira, da Hipocrene rubra,
 Tendo a piscar nas bordas bolhas como pérolas
 E uma boca de púrpura tingida!
 Que eu pudesse bebê-la e sem ser visto abandonasse o mundo,
 E contigo esvaecesse na floresta escura! (KEATS, 2010, p. 57).

Nessa segunda estrofe, destacam-se sensações do eu lírico – gosto, visão, tato – como se o poeta despertasse para viver novas experiências, “para um ritmo pulsante, para um calor entusiasmado diante de uma efusão de vida” (BORGES, 2011, p. 8). Novamente, há a alusão à mitologia grega, por meio do vocábulo Hipocrene, que é uma fonte mística no Monte Helicon, consagrada às Musas. Essa fonte nasceu de um coice do cavalo-alado Pegasus (BULFINCH, 2013). A tensão, já observada na primeira estrofe, mantém-se aqui, uma vez que o eu lírico sente necessidade de fugir, conforme deixa evidente nas duas estrofes seguintes:

Esvair-me bem longe, dissolver-me e em tudo me olvidar
 Daquilo que entre as folhas tu jamais sentiste,
 [...]

Ao longe, ao longe! Para ti quero voar,
 Não no carro de Baco e seus leopardos,
 Porém nas asas invisíveis da Poesia,

[...] (KEATS, 2010, p. 57-59).

É bastante comum a imagem do poeta romântico como um ser inadaptado, deslocado do mundo em que é obrigado a viver e isso revela outra importante faceta da poesia romântica para muitos poetas que faziam parte dessa vertente: a busca pelo isolamento e o individualismo dos poetas que procuram se opor à realidade cotidiana, considerada muitas vezes como mesquinha e alienante.

Mais uma vez, na quarta estrofe, surge o nome de uma divindade mitológica, o deus do vinho e do êxtase, Baco (BULFINCH, 2013), tornando evidente a busca do prazer e da felicidade por parte do eu lírico. A visão é o elemento que ganha notoriedade pela presença da lua, das estrelas e, novamente, o desejo do poeta de concretizar ou alcançar a felicidade esbarra na falta de luz, nas sombras que se projetam nos lugares que ele observa.

Ainda relacionado à quarta estrofe, no terceiro verso: “Porém nas asas invisíveis da Poesia,”) Samantha Borges (2011, p. 9) interpreta essa passagem como uma sugestão de que “o rouxinol na verdade [seria] uma metáfora à poesia ou ao poeta, talvez o objeto que contenha em si a possibilidade de se tornar eterno, diante das efemeridades da vida”. Inclino-nos a concordar que o rouxinol possa realmente ser a metáfora para a poesia e merece reparo o fato de que, na estrofe mencionada, estabelece-se uma estratégia metalinguística dentro da ode de Keats, na qual a poesia remete à própria poesia, ou seja, o poeta institui relações entre o seu texto e o gênero no qual ele busca expressar seus sentimentos e emoções, deixando patente que a “fonte do poema não [está] no mundo exterior mas nos olhos do poeta” e, dessa maneira, “os materiais do poema não [são] as pessoas e eventos do mundo, mas os sentimentos internos do autor ou os objetos externos depois que eles foram transformados pela emoção do poeta”. Nesse sentido, “o eu poético geralmente reflete as experiências e estados mentais da vida do poeta” (SILVA, 2005, p. 200). Assim, vida, obra e estratégias de composição poética amalgamam-se para criar uma multiplicidade de sentidos dentro da ode do escritor londrino.

Na estrofe seguinte, acentua-se a existência de elementos da natureza – “flores”, “ramos”, “relva”, “moita”, “árvores frutíferas”, “branco pilriteiro⁹”, “rosa brava pastoril”, “violeta” “rosa almiscarada” – os quais confirmam a questão da valorização da natureza por

⁹Pequena árvore ou arbusto.

parte dos poetas românticos, podendo adquirir um aspecto divino e, em muitos casos, tornando-se “metáforas para sentimentos humanos” (SILVA, 2005, p. 200).

Em seguida, contrapondo-se à visão positiva da vida que exala das flores, árvores, ramos, arbustos, na estrofe VI, destaca-se a referência à morte:

Às escuras escuto; e muitas vezes,
Quase que enamorado da tranquila Morte,
Doces nomes chamei-lhe em versos meditados
Para que dissipasse no ar o meu alento;(KEATS, 2010, p. 61).

Vida e morte emaranham-se nos sentimentos do eu lírico, que se sente dividido entre sensações, sentimentos e visões que se contrapõem e desvelam a sua inquietação, a sua dor e o seu sofrimento num mundo cheio de belezas, mas ao mesmo tempo, carregado de sombras, de escuridão.

A possibilidade da morte, contudo, “não é vista aí como aniquilamento, mas sim como doce libertação”, já que morre “o corpo, morre o medo, morre a morte como tormento, entretanto algo permanece. Algo, no ser, anseia por ser eterno. Talvez, se a poesia for julgada imortal, também o ser que de sua arte se inebria, imortal se torne” (BORGES, 2011, p. 10).

O grande dilema dos românticos – a vida e o desejo de morte – faz-se presente ao longo de toda a “Ode a um rouxinol” e acaba sustentando uma tensão que percorre e perdura em todas as suas estrofes.

A menção ao rouxinol, apesar de evocado ao longo de todo o poema nas estrofes I (“Que tu, arbórea Driade das asas leves”), III (“Daquilo que entre as folhas [...]”), IV (“Para ti quero voar” / “Já estou contigo”), VI (“Enquanto em torno a ti vais derramando tua alma” / “Cantarias ainda; e em vão teria ouvidos eu, Para teu alto réquiem transformado em terra e grama”) surge explicitamente na sétima estrofe, pelo emprego do vocábulo “pássaro” grafado com a inicial em maiúscula – “Tu não nasceste para a morte, Pássaro imortal!” – e há também referência a uma personagem bíblica, Rute, uma moabita (originária do reino de Moab, país da Antiguidade situado a leste do rio Jordão), que é considerada uma heroína da tradição judaica e simboliza aquela que vive em terra estrangeira e precisa estabelecer novos laços de amizade com a nova pátria (MAGALHAENS, 2013). Essa referência permite inferir que a situação do poeta se conecta com a de Rute, porque ele se sente um estrangeiro no seu próprio

país, um inadaptado que não consegue incorporar-se à sociedade que o cerca, permanecendo sempre isolado e melancólico.

Em relação à ave que dá nome ao poema de Keats, Jorge Luis Borges (1999, p. 105) faz a seguinte observação:

O rouxinol, em todas as línguas, do orbe, desfruta de nomes melódiosos (*nightingale*, *nachtigall*, *usignolo*), como se os homens instintivamente tivessem querido que esses não desmerecessem o canto que os maravilhou. De tão exaltado pelos poetas, ele agora é um tanto irreal. Dos enigmas saxões do *Livro de Exeter* [...] à trágica *Atalanta*, de Swinburne, o infinito rouxinol tem cantado na literatura britânica; foi celebrado por Chaucer e Shakespeare, por Milton e Mathew Arnold, mas é a John Keats que fatalmente ligamos sua imagem como a Blake a do tigre.

A importância dos pássaros na literatura (na poesia em particular) também é discutida pelo estudioso João de Mancelos (2008, p. 2005), em seu artigo “Notas para o canto das aves em Eugénio de Andrade e em três poetas clássicos ingleses”:

Ao longo dos tempos, as aves têm fascinado os escritores das mais diversas civilizações, nalguns casos a literatura popularizou de tal forma um pássaro que este ficou para sempre associado a um poema, lenda ou narrativa. Poderá um leitor culto contemplar um rouxinol sem evocar o seu canto melancólico em “Ode to a Nightingale” [...], de John Keats (1795-1821)? Ou assistir ao esvoaçar sinistro de um corvo, e não pensar no poema “The Raven” (1845), o mais célebre de Edgar Allan Poe (1809-1849)? Ou deleitar-se com a majestosidade serena de um cisne e não tecer semelhanças com “The Wild Swans at Coole” (1919), do Prêmio Nobel William Butler Yeats (1865-1949)?

Possivelmente, para leitores cultos, a resposta às questões propostas seria “não”, pois para estes, ao contemplar as aves mencionadas – rouxinol, corvo e cisne – certamente recordariam das obras poéticas que acabaram por imortalizá-los e cristalizá-los em nossa memória. Complementando as observações do crítico referido acima, Eugénio de Andrade (apud MANCELOS, 2008, p. 206) tece o seguinte comentário:

Não admira que alguns dos mais belos poemas de sempre tenham sido escritos para aves. Dou exemplos: a cotovia de Shelley, o rouxinol de Keats, o corvo de Edgar Allan Poe, o albatroz de Baudelaire, os cisnes de Mallarmé e de Yeats, o melro de Stevens, o pardal de William Carlos Williams. Às vezes é só um verso que fica a pairar no nosso espírito, como esse

chamamento do tordo através da névoa de Eliot; ou o rumor de asas desses pássaros de Juan Ramón Jiménez, que “cantam e cantam” no mais invisível dos ramos; mas como enriquecem a nossa vida.

Para Andrade, determinados pássaros marcam indelevelmente a literatura ocidental e, sem sombra de dúvida, o rouxinol de Keats é um exemplo dessa constatação, uma vez que podemos considerá-lo como um símbolo da poesia romântica e até mesmo uma metáfora do próprio poeta romântico, devido ao canto único e singular que emite, o seu hábito de cantar durante a noite e viver oculto na vegetação.

Na última estrofe, permanece, conforme comentamos anteriormente, a tensão entre o desejo do eu lírico pelo êxtase, pela busca da felicidade e a consciência do seu sofrimento, das suas dores, em suma, da sua solidão que nunca o abandona:

Perdido! Essa palavra é como um sino
 Que dobra para que de ti eu volte à minha solidão!
 Adeus! A fantasia não nos pode iludir tanto
 Como se diz, fada enganosa.
 Adeus! Adeus! Tua plangente antífona se esvai
 Além dos prados em redor, por sobre o riacho quieto,
 Subindo a encosta da colina; e agora entrou a fundo
 Nas clareiras do vale próximo;
 Foi isso uma visão, ou um sonho que sonhei desperto?
 A música fugiu: – Estou desperto ou estarei dormindo?(KEATS, 2010, p. 63).

Nesse final, fica evidenciado o sentimento ambivalente do eu lírico – de felicidade por ter escutado o canto do rouxinol e de melancolia por perceber que tudo é passageiro. Dessa maneira, mesclam-se a alegria do momento e a tristeza da sua efemeridade, tensionando o mundo da voz lírica e perpetuando o seu conflito entre dor e alegria, felicidade e angústia, entre o individual e o coletivo. Nos dois últimos versos da ode o eulírico indaga-se se tudo aquilo que ele vivenciou foi real ou faz parte de sua imaginação, foi um sonho:

Foi issouma visão, ou um sonho que sonhei desperto?
 A música fugiu: – Estou desperto ou estarei dormindo?(KEATS, 2010, p. 63).

Ao colocar essa hipótese, segundo João de Mancelos (2008, p. 215), reafirmam-se as contradições expressas no poema, comprovando que “a força da fantasia e da criatividade

podem igualar, mesmo que apenas por instantes, o efeito mágico do canto do rouxinol”. Em síntese, “sair de si, mesmo que pela morte, seria um desejo, porém, o poema encerra como um retorno do eu à consciência de sua solidão, sentimento de condição marcadamente humana” (BORGES, 2011, p. 11).

O eu lírico deixa explícito as suas contradições entre o seu desejo de viver e a possibilidade da morte, entre a sua mortalidade e a imortalidade do rouxinol, que se eterniza pelo seu canto, revelando “o homem circunstancial e mortal” (BORGES, 1999, p. 103), o indivíduo que de certo modo é a espécie, e o rouxinol de Keats, de Rute, que é também o nosso, ou seja, aquele que canta alegremente num bosque inglês nos dias de hoje, que repete *ad eternum* o mesmo canto entoado na ode do poeta londrino.

Conclusão

Durante a análise de “Ode a um rouxinol”, foi possível evidenciar algumas características do Romantismo tais como a valorização de elementos da natureza (a menção ao rouxinol já é um traço relevante dessa tendência), a presença de um eu lírico em primeira pessoa, que visa expressar seus sentimentos e emoções mais íntimas e, além disso, os poetas românticos como Keats estão sempre se opondo ou se antagonizando ao mundo que os rodeia. No poema analisado, isso fica claro por meio da tensão que se estabelece entre o desejo do poeta direcionado ao êxtase, à felicidade e os obstáculos que vão surgindo, contrastando luz e sombra, realidade e ilusão, vida e morte.

Em última instância, verifica-se a solidão do eu lírico e uma tentativa de evadir-se da realidade que o oprime por meio do sonho. Realidade e ilusão, desejo de evasão, a impossibilidade de encontrar a felicidade são elementos que perpassam a ode de Keats e que também configuram e fazem parte das produções poéticas da maioria dos escritores do período denominado de Romantismo e tais elementos comprovam sobejamente, que o poema “Ode a um rouxinol” centra-se nos dilemas experienciados pelo eu lírico, que se encontra cindido entre a realidade e o sonho, entre a essência e a aparência, enfim, dividido em polos antagonísticos e insolúveis, nos quais razão e emoção nunca se equilibram e permanecem em constante tensão.

REFERÊNCIAS

BONNICI, Thomas. *Poetry of the Nineteenth and Twentieth Centuries*. 1. ed. Maringá: Editora Massoni, 2004.

BORGES, JorgeLuis. O rouxinol de Keats. In: BORGES, JorgeLuis. *Obras completas*. Tradução de Sérgio Molina. Rio de Janeiro: Globo, 1999, p. 103-106, v. II.

BORGES, Samantha. John Keats e Cecília Meireles: diferentes contextos, semelhantes aspirações. *Durandina Revista eletrônica* – Programa de Pós-Graduação em Letras/UFJF, v. 4, n. 2, 2011, p. 1- 15.

BULFINCH, Thomas. *O livro da mitologia*. Tradução de Luciano Alves Meira. São Paulo: Martin Claret, 2013.

CEVASCO, Maria Elisa; SIQUEIRA, Valter Lellis. *Rumos da literatura inglesa*. 4. ed. São Paulo: Ática, 1993.

CORTÁZAR, Julio. *Imagen de Keats*. Buenos Aires: Punto de Lectura, 2004.

FENSKE, ElfiKürten. (pesquisa, seleção e organização). John Keats – poeta romântico inglês. *Templo Cultural Delfos*, abril/2016. Disponível em: <http://www.elfikurten.com.br/2016/04/john-keats.html>. Acesso em: 30 maio 2019.

KEATS, John. Ode a um rouxinol. In: KEATS, John. *Ode sobre a melancolia e outros poemas*. Organização e tradução de Péricles Eugênio da Silva Ramos. São Paulo: Hedra, 2010, p. 54-63.

KHAN, Abdul Bari; ZEHRA, Iram; HAFSA, Ghulam. Stylistic Analysis of the poem “Ode to a Nightingale” by John Keats. *International Journal of Research (IJR)*, vol-1, issue-9, October 2014, p. 1101-1114. Disponível em: https://www.academia.edu/15462816/Stylistic_Analysis_of_the_poem_Ode_to_Nightingale_by_John_Keats. Acesso em: 31 mai. 2019.

MAGALHAENS, Leonardo de. Ode a um Rouxinol – John Keats. 29 de julho de 2013. Disponível em: <http://meupaideumabyldem.blogspot.com/2013/07/ode-um-rouxinol-john-keats.html>. Acesso em: 30 mai. 2019.

MANCELOS, João de. Notas para o canto das aves em Eugénio de Andrade e em três poetas clássicos. *Máthesis*, Universidade Católica Portuguesa, Viseu, 17 (2008): 205-221.

MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. 12. ed. rev. e ampl. São Paulo: Cultrix, 2004.

PEREIRA, Henrique Carvalho. Voz e pathos em Keats: uma leitura da “Ode à melancolia”. *Caderno de Letras*, Pelotas, n. 38, p. 435-445, set-dez 2020.

RAMOS, Péricles Eugênio da Silva. Introdução. In: KEATS, J. *Ode sobre a melancolia e outros poemas*. Organização e tradução de Péricles Eugênio da Silva Ramos. São Paulo: Hedra, 2010, p. 09-37.

SILVA, Alexander Meireles da. *Literatura Inglesa para Brasileiros*. 2. ed. rev. Rio de Janeiro: Editora Ciência Moderna Ltda, 2005.

SOUSA, Maria Leonor Machado de. Romantismo inglês: uma interpretação. *Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – FCSH*, Universidade Nova de Lisboa, n. 1, 1980, p. 7-23. Disponível em: <https://run.unl.pt/handle/10362/4212>. Acesso em: 30 maio 2019.

Recebido em: 24/12/2021.

Aceito em: 17/06/2022.